2026
V.19

História da Historiografia

International Journal of Theory and History of Historiography

ISSN 1983-9928

FAPEMIG
Sociedade Brasileira de Teoria e História da Historiografia
UNIRIO
UFOP

Artigo Original

AO

Capistrano-geógrafo por Arthur Cezar Ferreira Reis: uma fagulha de tensão na memória e um desfecho condescendente

Capistrano-geógrafo por Arthur Cezar Ferreira Reis: uma fagulha de tensão na memória e um desfecho condescendente

Capistrano-geographer by Arthur Cezar Ferreira Reis: a spark of tension in the memory and a condescending outcome

Matheus Cavalcanti Rodriguess

matheuscavalcantiicm@hotmail.com

https://orcid.org/0000-0002-4874-3159

Universidade Federal de São Paulo, Escola de Filosofia, Letras e Ciências Humanas, Departamento de História, Guarulhos-SP, Brasil.

Resumo

o objeto estudado no presente artigo se constitui na interface entre o discurso historiográfico e a memória. No Curso Capistrano de Abreu, em 1953, Arthur Cezar Ferreira Reis pronunciou a conferência "Capistrano-geógrafo", perscrutando as ligações do autor homenageado com a geografia. Tem-se aqui a intenção de analisar os argumentos do conferencista para estabelecer essa relação e calcular a coerência de seu discurso ao confrontá-lo com a obra de Capistrano. Para além, busca-se pensar esse momento discursivo como o de uma tensão na memória capistraniana, na medida em que o quadro de um Capistrano-historiador, tema central do Curso, é tensionado pela referência à geografia e a um hipotético Capistrano-geógrafo. Chega-se à conclusão de que a conferência de Ferreira Reis, publicada no volume 221 da Revista do IHGB, apesar de desviar a memória capistraniana para a geografia, acaba por afirmar o Capistrano-historiador como precursor de um grupo de historiadores interessados pela geografia como objeto de estudo e percurso de formação.

Palavras-chave

Capistrano de Abreu; Memória; Historiografia Brasileira.

Abstract

The object studied in this article constitutes itself into the interface between historiographical discourse and memory. At the Capistrano de Abreu Course, in 1953, Arthur Cezar Ferreira Reis gave the conference "Capistrano-geographer", examining the honored author's connections with geography. The intention here is to analyze the lecturer's arguments to establish this relationship and calculate the coherence of his speech when comparing it with Capistrano's work. Furthermore, it seeks to think of this discursive moment as one of tension in Capistran's memory, insofar as the picture of a Capistrano-historian, the central theme of the Course, is tensioned by the reference to geography and a hypothetical Capistrano-geographer. It comes to the conclusion that Ferreira Reis' conference, published in volume 221 of the IHGB Magazine, despite diverting Capistranian memory to geography, it ends up affirming the Capistrano-historian as the precursor of a group of historians interested in geography as an object of study and training path.

Keywords

Capistrano de Abreu; Memory; Brazilian Historiography.

O Curso Capistrano de Abreu

Em 1953 ocorreram as comemorações do centenário de nascimento de Capistrano de Abreu, com a participação de instituições políticas, como o Senado federal e a Câmara dos Deputados, e científicas, como o Instituto Histórico e Geográfico Brasileiro, O Instituto Histórico e Geográfico de São Paulo e a Universidade de São Paulo. No salão nobre do IHGB foi realizado o Curso Capistrano de Abreu, composto por oito conferências pronunciadas entre os meses de setembro e outubro. O tom geral do Curso era a exaltação de Capistrano de Abreu como historiador da pátria, pondo em relevância suas várias contribuições para a disseminação da história científica moderna no Brasil. Muitos dos discursos então proferidos estavam imbuídos da marca intimista e nostálgica conferida por conferencistas que haviam convivido e aprendido de perto com o homenageado, tais como sua neta Honorina de Abreu Monteiro, responsável pela última conferência do Curso. Arthur Cezar Ferreira Reis, que pronunciou a conferência "Capistrano – geógrafo", também podia ostentar sua proximidade em vida com Capistrano, como não deixou de fazer. Contudo, o conteúdo de sua fala se destaca no Curso por ser a única conferência dentre as oito realizadas que, explicitamente, faz um exercício de reflexão sobre a conexão de Capistrano com outra área de conhecimento que não a história.

O conferencista e o homenageado

Amazonense, formado em direito, professor de História desde o secundário à pós-graduação. Ferreira Reis é lembrado como historiador do estado do Amazonas, embora tenha escrito alguns livros sobre história do Brasil e ensino de História, além de trabalhos biográficos e outros relacionados a cidades do Norte do Brasil. A geografia não está nos títulos de sua bibliografia, mas se imiscui em alguns de seus estudos de forma notável.

Uma de suas preocupações enquanto historiador e político foram as fronteiras nacionais nortistas. Se interessou pela sua demarcação de acordo com os direitos alegados do Brasil frente a pretensões estrangeiras. Exemplo disso foi seu livro *Território do Amapá, perfil histórico* (1949), onde faz uma interpretação histórica das disputas de fronteira do Brasil com a Guiana Francesa desde os séculos de colonização. Na obra, defende os interesses brasileiros, exaltando alguns governantes locais e criticando outros de acordo com sua atuação no intento de preservação da integridade do território nacional ao Norte. Um traço que perpassa todo o estudo é a temática do confronto entre as forças da natureza e a capacidade humana de construir cultura superando os entraves do meio geográfico. Se de um lado as investidas francesas são vistas como ameaça, de outro os obstáculos impostos pela natureza se demonstram, por vezes, insuperáveis. O tom geral de Ferreira Reis é de

lamento, devido à pouca celeridade do avanço humano sobre as condições naturais naquela região. Percebe-se que as principais chaves narrativas e analíticas do livro são as questões geopolíticas e diplomáticas tangentes às relações Brasil-Guiana Francesa e, sobretudo, a luta da sociedade humana (brasileira) contra as intempéries de uma natureza indomesticável. O cerne das preocupações do autor são, portanto, geográficas. Estas parecem constituir uma constância não apenas nas suas pesquisas e livros publicados, mas o grande mote de seus interesses enquanto historiador. Essa observação é importante por ajudar a compreender o porquê de Ferreira Reis ter sido escolhido para pronunciar a conferência Capistrano-geógrafo.

A conferência: Capistrano de Abreu... geógrafo?

O início da conferência carrega o tom apelativo intimista que confere privilégio e lugar de fala a Ferreira Reis. Lembra de Capistrano como mestre pessoal, pois lhe frequentou a casa e aprendeu com ele o "particular dos assuntos brasileiros, o conhecimento, o estudo, a curiosidade intelectual e, por que não dizer também, o cívico" (Curso..., 1953, p. 139). Esses prolegômenos parecem funcionar como marcador de seu discurso. Alegando a proximidade de que gozou com o homenageado, abre caminho seguro para uma análise que se quer objetiva e disciplinadora. É uma justificação afetiva de um discurso técnico.

Não demora muito para lançar a grande questão: "Capistrano foi realmente um geógrafo?" (Curso..., 1953, p. 141). A necessidade de demarcação disciplinar da memória incide através de uma essencialização do ser geógrafo. O advérbio "realmente" implica tanto a acurácia a que se propõe a análise quanto uma imposição ontológico-disciplinar. Resta saber quais pressupostos sustentam essa última operação.

Ferreira Reis confessa a variabilidade do ser geógrafo ao mencionar o "geógrafo profissional", aquele que faz estudos de campo, e o "geógrafo de gabinete", espécie comum no Brasil, mas que ia perdendo sua razão de ser nos anos que se passavam. Ademais, historiciza as atividades geográficas desde o Brasil colônia portuguesa ao Império tropical da casa de Bragança, até chegar à época de produção de Capistrano de Abreu. Segundo o conferencista, os séculos XVI, XVII e XVIII foram de pouco proveito para o conhecimento geográfico, com "indicações soltas" de cronistas que enfatizaram as "novidades sensacionalistas" e a "exuberância do meio". Amiúde a geografia colonial é fantasiosa. Quando não, está sob o jugo de "imperativos políticos", do que os levantamentos cartográficos do século XVIII são o maior exemplo. Esses últimos tiveram o mérito de tornar as pesquisas mais rigorosas. O cenário geral é de grandes limitações e avanço moroso até o advento do Império, que proporciona uma "renovação dos conhecimentos geográficos" mediante incentivos oficiais. Tal avanço se daria mediante a ascensão dos geógrafos de campo que eclipsavam os de gabinete, des-

tacando-se sobretudo os exploradores estrangeiros. Enfatiza-se o apoio oficial da Coroa imperial em favor do reconhecimento do território, o qual tem como ponto culminante a Exposição de história e geografia da Biblioteca Nacional em 1881. Nesse período, também se verifica uma sinergia entre os geógrafos de gabinete e os geógrafos de campo, aqueles aproveitando-se parcialmente das pesquisas destes. É nesse contexto que surge Capistrano de Abreu e sua produção.

Ferreira Reis faz referência a conferências pronunciadas por um jovem Capistrano[1] na cidade de Fortaleza em 1874 sobre literatura brasileira contemporânea, quando "deu um realce particular ao que êle chamava de fôrças físicas, isto é, clima, alimento e solo, para que fosse possível compreender a evolução literária que se propunha estudar" (Curso..., 1953, p. 144). Na argumentação de Ferreira Reis, a geografia aparece como conteúdo importante da temática literária, à época privilegiada pelo cearense. Não é uma geografia disciplinar, com autores consagrados e teoria própria. Mas a valorização dos aspectos geográficos como explicadores da existência social humana já estava lá, desde os primeiros pronunciamentos públicos de Capistrano. Essa constatação, no discurso de Ferreira Reis, serve à confirmação do por ele enunciado anteriormente:

Os fundamentos físicos, representados nos quadros fisiográficos, êsses, particularmente, estavam nas suas preferências. Porque, sente-se em tôdas as páginas de sua obra, cedo se apercebera de que é pelo conhecimento do meio físico que se pode pretender passar ao conhecimento do processo social, do processo histórico, do processo econômico, do processo cultural, portanto (Curso..., 1953, p. 140).

A investida por uma narrativa totalizante continua:

> [...] no tocante às características geográficas, essa lição pode ser dada com a mesma objetividade, uma vez que em todos os seus grandes estudos e ensaios aquelas bases estão presentes, afirmando a importância que lhes reconhecera para o exato entendimento dos passos históricos (Curso..., 1953, p. 140).

O modo de proceder de Ferreira Reis nesses excertos se assemelha muito ao de outros conferencistas no Curso. A maior diferença é que, diferente dos demais que construíram o quadro totalizante de Capistrano-historiador, seu objeto é Capistrano-geógrafo. A geografia, ou os aspectos geográficos, são lidos na totalidade da obra de Capistrano como constância, mesmo que não se mostrem o seu principal interesse. Aqui se revela um traço notável da argumentação. A geografia é interpretada como meio impreterível de acesso a outros conhecimentos. Ela é útil não em si mesma, pois sem ela não se pode compreender processos superiores tais como os históricos, econômicos e sociais. Fica patente que, para o conferencista, Capistrano estudou os aspectos geográficos a fim de

1 Em 1874, Capistrano contava 21 anos de idade.

obter melhor compreensão desses processos, nenhum dos quais é propriamente geográfico. Nesse viés interpretativo, o conhecimento geográfico parece ser estanque na medida em que é definido pelos termos "fundamentos", "quadros", "características" e "bases". Por outro lado, o termo "processo", que transmite as ideias de movimento, ação, transformação, se destina ao histórico, econômico, social e cultural, estes reconhecidos como conhecimentos dinâmicos.

Argumentos que parecem levar ao Capistrano-geógrafo

Duas imputações de característica recorrentes nos estudos e memórias sobre Capistrano não faltam a Ferreira Reis. A saber, a excepcionalidade e o pioneirismo do autor cearense, já apontadas por José Veríssimo em texto de 1907, quando analisa os *Capítulos de História Colonial* em perspectiva comparativa com os estudos de Martius e Varnhagen: "Entre os estudos a que alludi não há nenhum que, pela segurança de investigação, vasteza da informação, profundidade do saber e intelligência do assumpto, sobrelevem aos do Sr. Capistrano de Abreu" (p. 204). Noventa anos depois, Fernando Novais, no prefácio à edição em inglês dos *Capítulos,* editada pela Orxford University Press (p. xiv), usava argumentação semelhante ao acentuar a ruptura que Capistrano estabelece com Varnhagen: "Abreu brought that phase to a close when he criticized Varnhagen and argued for getting beyond the latter's vision of history. Abreu cleared the way for what might be called modern Brazilian historiography, which began in the 1930s". Também Ferreira Reis, em 1953, exalta Capistrano através de uma implícita comparação com a média dos demais autores de sua época:

Como ninguém o fizera até aquêle momento, aplicando a lição dos nomes universais a cuja leitura se entregara, procurara analisar a evolução cultural do Império como nos nossos dias os sociólogos, os etnólogos e os geógrafos o fazem. (Curso..., 1953, p. 144).

> Se sobressai o Capistrano visionário, intelectual adiantado e comparável aos especialistas da era das universidades. Vê-se aí a intenção do conferencista de pensar seu objeto-sujeito pela perspectiva das demarcações disciplinares típicas do mundo universitário. A seguir, é lembrado o trabalho de Capistrano para concorrer à cátedra de Corografia e História do Brasil no Colégio Pedro II em 1883. O tema da dissertação fora o "descobrimento do Brasil e seu desenvolvimento no século XVI". Segundo Ferreira Reis, O sentido revolucionário da tese não o devemos buscar nas inovações por que dispôs o assunto, manejando a documentação disponível e fazendo uma exegese exaustiva e definitiva da matéria. Êsse sentido revolucionário consiste justamente na proposição dos aspectos geográficos, desprezados até então pelos que tentavam esclarecer e compreender nossos cem anos de vida inicial (Curso..., 1953, p. 145).

Outra vez se percebe o caráter temático da geografia. Agora como canto abandonado pela intelectualidade brasileira até que Capistrano lhe outorgou destaque entre os assuntos merecedores de apontamento. É de se pensar que Ferreira Reis está traçando a gênese da tradição de historiadores devotados aos "aspectos geográficos", da qual ele mesmo é um potencial herdeiro. Ferreira Reis podia facilmente ver nos textos de Capistrano a história geográfica que era marca de seus estudos. Uma indicação disso é que lança mão da dicotomia Sociedade X Natureza, traço notório de seu *Território do Amapá, perfil histórico* (1949), para resumir a tese de Capistrano em 1883:

> O quadro físico e o quadro humano, social talvez seja mais acertado dizer, estão ali explicando a presença dos que vieram revelar a terra, penetrá-la, percorrê-la ao longo do litoral, criar os primeiros núcleos, fixar as bases do sistema econômico da colonização e orientar os fundamentos da sociedade mestiçada que cedo se foi constituindo como única fôrça capaz de vencer a hostilidade do ambiente agressivo (Curso..., 1953, p. 144 e 145).

Por este trecho nota-se como existe na tese um jogo de forças dos avanços humanos com as condições geográficas. Estas são, para o autor cearense, principalmente catalisadoras da conquista territorial que, podendo ser eventualmente adversas, se destacam pelos seus ensejos. Pode-se concordar com Ferreira Reis que a atenção ao meio geográfico em suas tensas relações com a vida humana é característica desse trabalho de Capistrano.

O conferencista continua explicando o "revolucionário" na tese de Capistrano:

> A caracterização da costa, explicando a ocupação, a marcha da expansão, as condições do hinterland, o papel dos rios motivando melhor a penetração e conhecimento do interior, são, naquelas páginas de excepcional valia, em nosso entender, o revolucionário, sem esquecer que há ali igualmente páginas de **geografia social,** de **geografia econômica** verdadeiramente modelares servindo à exegese do Brasil que despontava e se propunha ao mundo com tôdas aquelas peculiaridades (Grifo Nosso, Curso..., 1953, p. 145).

Não se deve ignorar a discrepância contextual entre o texto analisado e o discurso que sobre ele se constrói. Capistrano não escreveu páginas de geografia social e econômica pois esses não foram para ele conceitos norteadores na ocasião. O que ele escreveu pôde ser assimilado dessa forma, 70 anos depois, devido às convenções disciplinares mais ou menos aceitas no contexto da intelectualidade brasileira em 1953. A intenção do conferencista talvez tenha sido enquadrar o texto de Capistrano em demarcações disciplinares que fariam sentido para a plateia a que se dirigia na ocasião.

Outro subcampo da geografia é arvorado como tema capistraniano:

> A geografia regional, com a indicação dos aspectos mais distintos que a distinguiram e isso se pode verificar nos *Capítulos de História Colonial* e nos *Caminhos antigos e povoamento do Brasil,* quando assinalou a diversidade do quadro físico e a ação que os homens desenvolveram para estabelecer as relações necessárias entre as partes distintas e distantes do território nacional, foi também êle quem a propôs com mais aguda lucidez, confirmando a assertiva graciosa de Frei Vicente do Salvador ao referir-se à existência, não de um Brasil uniforme, homogêneo, mas, a de vários brasis, as ilhas que compõem o arquipélago social, econômico e cultural de que nos falam, enfáticos, os mestres da nossa atualidade (Grifo do Autor, Curso..., 1953, p. 147 e 148).

Com as pistas conceituais que Ferreira Reis oferece nesse excerto, percebe-se que a geografia regional em Capistrano estaria destinada ao estudo da diversidade geográfica dentro do território nacional, como dos esforços culturais no sentido da integração territorial dessas partes díspares. O parágrafo final de *Capítulos de História Colonial* é uma síntese do crédito dado por Capistrano ao primeiro desses fatores:

> Cinco grupos etnográficos, ligados pela comunidade ativa da língua e passiva da religião, **moldados pelas condições ambientes de cinco regiões diversas**, tendo pelas riquezas naturais da terra um entusiasmo estrepitoso, sentindo pelo português aversão ou desprezo, não se prezando, porém, uns aos outros de modo particular -- eis em suma ao que se reduziu a obra de três séculos (Grifo Nosso, Abreu, 1998, p. 221).

Apresentando um quadro histórico do Brasil no início do século XIX, Capistrano detecta um processo de integração ainda por se completar. Os obstáculos à consecução desse processo seriam, no seu julgamento, sobretudo de natureza cultural e geográfica. É de se notar a equivalência numérica entre o que ele chamou de grupos etnográficos em que o povo brasileiro estaria dividido e as regiões geográficas em que ele divide o Brasil-território. Cinco grupos moldados por cinco regiões. O uso do termo "moldados" faz entrever que a diversidade geográfica se superpõe à diversidade cultural numa relação, se não de causa e efeito, que se promove pela intervenção dos moldes geográficos no desenvolvimento histórico de culturas diversas. Aliás, tais culturas se definem em grande medida pelo molde dos elementos geográficos. Aqui está um traço de nível ontológico. Não existe cultura fora do molde e esse molde é geográfico. Cada região, com sua peculiar configuração geográfica, molda um tipo etnográfico compatível e cabível dentro de si. Disso é fácil deduzir, esquematicamente, que um molde geográfico (ou região) não abriga quaisquer formas culturais, limitando as formas possíveis de sociedade humana em suas fronteiras naturais. Seria, por outro lado, errôneo deduzir das palavras de Capistrano que para cada região existe um arranjo cultural específico, o que soaria determinista. O que parece estar por trás desse epílogo, teoricamente, é a crença na existência de uma ação con-

siderável e contínua do ambiente natural sobre a própria definição histórica das culturas. Esse tipo de abordagem, aliás, continuará sendo encampado por importantes autores da historiografia nacional em meados do século XX. É a partir desse ponto de vista que Sérgio Buarque de Holanda escreverá *Caminhos e fronteiras*, publicado em 1957, obra que acompanha a história das bandeiras tendo como nexo explicativo os diversos condicionamentos do solo, do clima, da fauna e da flora do interior sobre os construtores do território paulista. Além disso, a correspondência entre região e cultura não está posta em *Capítulos de História Colonial* como um *a priori*, mas como conclusão que decorre da análise histórica dos três séculos de colonização portuguesa, como no excerto que segue:

> O povo brasileiro, começando pelo oriente a ocupação do território, concentrou-se principalmente na **zona da mata**, que lhe fornecia pau-brasil, madeira de construção, terrenos próprios para cana, para fumo e, afinal, para café. A **mata amazônica** forneceu também o cravo, o cacau, a salsaparrilha, a castanha e, mais importante que todos os outros produtos florestais, a borracha. Os **campos do Sul** produzem mate. **Nos do Norte**, em geral, e nas **zonas de vegetação xerófila,** plantam-se cereais ou algodão e pasta o gado (Grifo Nosso, Abreu, 1998, p. 20 e 21).

A não ostentação de uma lei histórica *a priori*, dando prioridade à análise histórica, pode ser interpretada como sinal do amadurecimento intelectual de Capistrano. A procura por leis relacionais era um seu afã quando escreveu seus primeiros trabalhos na década de 1870. Em conferência pronunciada em Fortaleza em 1874 e depois publicada n'O Globo do Rio de Janeiro em 1875, cujo tema era a Literatura Brasileira Contemporânea, Capistrano declara na introdução da primeira parte: "Entretanto, devo desde já declará-lo: a crença no determinismo sociológico; a convicção de que a sociedade brasileira é regida por leis fatais; a esperança de descobrir estas leis, - eis o que me anima e guia" (Abreu, 1975, p. 37). Já em seu *Capítulos,* publicado em 1907, não tem essa preocupação, antes se debruça em concluir a partir da verificação dos processos históricos decorridos. Mesmo nesse caso, suas conclusões não são formulações de leis, se conformando em constatar o que para ele era o resumo do que acontecera. O abandono das leis gerais por Capistrano passou pela sua adesão à empiria dos documentos. Sousa (2012, p. 118) detecta seu período trabalhando na Biblioteca Nacional, a partir de 1879, como primordial nessa viragem:

> Capistrano passa a valer-se do instrumental metodológico, atendo-se à pesquisa documental de forma mais detida e sofisticada, antes de buscar nas teorias cientificistas propostas por Herbert Spencer, Henry Thomas Buckle, Comte ou Taine leis explicativas generalizantes.

Mais preciso foi Wehling (1976, p. 70) na detecção do ponto de viragem: "A partir de 1880 se acentua a fidelidade histórica de Capistrano de Abreu: abandona gradualmente a crítica literária

pela análise histórica e passa, nesta, do primado da teoria ao primado do documento". Como se observa, o desenvolvimento da acurácia no trato documental distanciou Capistrano da ânsia por grandes generalizações. Disso decorreu uma outra maneira de conceber as tensões entre o homem e a natureza, não mais pela ótica de determinações do meio. Analisando os *Capítulos*, Bottmann (1985, p. 32) percebeu a importância apenas secundária dada às influências climática ou geográfica, chegando à conclusão que "são os tipos humanos [...] como resultado complexo e agente de manutenção e reprodução da trilogia meio-raça-instituição segundo uma dinâmica singular, que constituíam o foco principal da atenção do autor". Essas reflexões demonstram a complexificação do pensamento de Capistrano ao longo de sua vida intelectual, fugindo de explicações monofatoriais e atribuindo significação a diferentes aspectos da história colonial brasileira.

Retornando à conferência de Ferreira Reis, há ainda alguns de seus argumentos que persuadem no sentido da proximidade de Capistrano de Abreu com a geografia científica de sua época, sobretudo a produzida por alemães. Capistrano fora "íntimo dos grandes mestres da ciência geográfica de seu tempo" (Curso..., 1953, p. 146), dentre os quais Humboldt, Preschel, Ritter, Penckt e Supan. Ao passo que estes eram responsáveis por uma renovação dos estudos geográficos na Europa, Capistrano se inspirara neles para provocar um efeito congênere no Brasil, indo além das limitações de uma geografia que era "catálogo enfadonho de nomes de acidentes, fôssem rios, lagos, cabos, montanhas, etc., nomenclatura que levava a uma geografia de memorização ou de mero fichamento de indicações" (Curso..., 1953, p. 146). Em substituição a essa geografia, Capistrano propusera e desenvolvera uma que valorizasse a mediação entre os entes físicos da existência. Nesse ponto, Ferreira Reis cita um texto de Capistrano publicado no Almanaque Garnier em 1904, onde expõe uma concepção do que pensava deveria ser uma geografia científica. Uma geografia em que

> o aspecto do céu, a circulação atmosférica, a estrutura do subsolo e do solo, a vegetação que o veste como a animalidade que o cobre, e o homem que domina sobre a criação, aparecessem, todos, nas correlações que os prendem e penetram (Abreu, 1976, p. 24)

A insatisfação de Capistrano com o *status* da geografia no Brasil o leva, nesse artigo do início do século XX, a traçar um histórico dos trabalhos realizados desde o século XVI, salientando progressos e deficiências que podia verificar na época em que escrevia. Ferreira Reis tinha por certo o desagrado de Capistrano pelos textos usados para ensinar geografia do Brasil no Colégio Pedro II, onde o cearense foi professor de corografia e história do Brasil de 1883 a 1899. Lembra o conferencista que Capistrano se esforçou para renovar os estudos geográficos mediante a tradução de obras de autores alemães acerca do Brasil. A primeira delas fora a *Geografia Physica do Brasil* de J. E. Wappaeus, na verdade uma tradução coletiva organizada por Capistrano e Alfredo do Valle Cabral e publicada no

Brasil em 1884. Já em 1889, Capistrano publicara sua tradução da *Geographia Geral do Brasil* de A. W. Sellin e em 1902 a tradução de *O homem e a terra* do também alemão Alfred Kirchhoff.

Prossegue a conferência de Ferreira Reis no Curso de 1953... Um clímax regressivo

O conferencista escolhe a marca central dos estudos geográficos feitos por Capistrano:

> Nos *Caminhos antigos e povoamento do Brasil* é que nos parece, porém, que Capistrano revelou melhor o sentido do geográfico que possuía. Partindo da variedade do quadro físico e examinando a expansão que os sertanistas da Paulicéia, da Bahia, de Pernambuco, da Amazônia, realizaram, cedo se apercebera da importância dos caminhos, fôssem os naturais, os caminhos líquidos, os rios das grandes e pequenas bacias hidrográficas, fôssem os que o conquistador ia abrindo da trilha do gentio, na marcha vagorosa dos rebanhos, no esfôrço material para estabelecer contatos entre os pontos mais distantes da colônia (Curso..., 1953, p. 148).

Disso pode-se depreender que alguns dos principais temas capistranianos tinham, por assim dizer, vocação geográfica. Os caminhos, os rios, as bandeiras, o sertão, a pecuária extensiva, a vida cotidiana do sertanejo. Ao passo que esses mesmos temas são, na tradição historiográfica a que pertencia Ferreira Reis, consagrados sob o manto da história. O incentivo de Capistrano em favor da publicização de roteiros de viagens coloniais e da realização de estudos de campo são notados na conferência. Deve acrescentar-se que o autor cearense não só elogiava publicações, como se dedicou a divulgar fontes úteis aos estudos geográficos. Entre 1885 e 1887, época em que era professor no Colégio Pedro II, Capistrano, juntamente com Alfredo do Vale Cabral, Teixeira de Melo e Silveira Caldeira, editam e publicam no *Diário Oficial* da Imprensa Nacional a coleção intitulada *Materiais e Achegas para a História e Geografia do Brasil*.Nesse caso, uma vez mais, o binômio história/geografia aparece em um projeto importante da carreira de Capistrano, dessa vez como editor de textos.

Ferreira se aproxima do fim de sua breve e densa conferência ao representar Capistrano como um ponto de virada para a geografia brasileira. Sua retórica se volta a estruturação de dois quadros. Um que denuncie o *status* atrofiado da geografia anterior ao estudioso cearense, outro que vislumbre uma transformação no sentido do progresso dos estudos e concepções geográficos a partir das melhorias qualitativas postas em curso pelo mesmo. Ferreira Reis põe seu sujeito/objeto de discurso no centro de um salto científico na geografia, o qual é resultado a um só tempo do repúdio a velhos padrões e da instauração de novos. No mesmo Curso de 1953, José Honório Rodrigues lançou mão de interpretação semelhante no que tangia à posição de Capistrano na historiografia nacional. Na sua conferência, afirmou que Capistrano supriu deficiências de Varnhagen, seu antecessor, e abriu cami-

nhos de pesquisa para Afonso Taunay, um de seus discípulos. Capistrano é retratado como elo entre gerações de historiadores, uma ponte que não levou simplesmente de um lugar a outro, mas elevou o nível da pesquisa e produção históricas. O mesmo recurso retórico-simbólico, que se pode chamar do antes e do depois, pôde ser utilizado para o Capistrano-historiador e para o Capistrano-geógrafo.

Capistrano-geógrafo, no entanto, não passa de uma hipótese para Ferreira Reis e, possivelmente, para os proponentes do Curso e de sua conferência. Após toda minúcia que se procurou ter na análise de sua conferência e tantas citações que o autor desse artigo escolheu inserir no texto, será talvez frustrante a resposta do conferencista para a tese que lhe foi proposta. Permita-se mais uma citação:

> Sem ter sido um geógrafo na acepção mais vigorosa da expressão, de vez que em seus trabalhos não visava diretamente a atividade geográfica, Capistrano afigura-se-nos um animador das operações de campo, um filiado às correntes européias de renovação, tendo utilizado, com evidente êxito, como pioneiro, o exame dos fatôres geográficos para interpretar a vida brasileira. Essa a posição que lhe devemos atribuir. Essa a conclusão a que chegamos, respondendo à tese que nos foi proposta. Capistrano geógrafo? Não, Capistrano animador da renovação dos estudos geográficos (Curso..., 1953, p. 150).

É um clímax regressivo.

Após todos os argumentos expostos por Ferreira Reis, não era de se esperar essa sua conclusão. Em sua avaliação, Capistrano escreveu geografia social e econômica, iniciou no Brasil estudos de geografia histórica e geografia regional, esteva a par dos maiores nomes da renovação dos estudos geográficos na Alemanha, fora pioneiro nacional de uma nova geografia caracterizada pela mediação entre sociedade e natureza, traduziu do alemão livros importantes de geografia do Brasil na falta de uma produção interna robusta, desempenhou papel relevante na crítica da geografia-nomenclatura que dominava o cenário brasileiro, desenvolveu interpretações de base geográfica para a história brasileira que perpassaram suas maiores contribuições em forma de livros, artigos jornalísticos e prefácios ao longo de toda a carreira.Contudo, afirma que Capistrano não foi um geógrafo. Como explicar a conclusão de Ferreira Reis para além da curta satisfação que ele mesmo dá: "em seus trabalhos não visava diretamente a atividade geográfica". Nesse trecho já há uma parte da explicação que se encontra implícita, mas discernível. Ora, se a atividade geográfica não fora o alvo direto de Capistrano, o que fora?

A resposta a essa pergunta se encontra na própria forma de pensar e operar a escrita histórica a que se dedicara Ferreira Reis e toda uma geração de historiadores da primeira metade do século XX no Brasil. Como se procurou mostrar através desse estudo, o conferencista interpretou Capistrano de Abreu como um seu predecessor na confecção de um tipo de história cujo eixo narrativo estava no

confronto entre natureza e sociedade e, portanto, com forte inclinação para as temáticas geográficas. A geografia não estava posta, nesse esquema, como disciplina autônoma, mas enquanto objeto e caminho necessário do historiador. Trabalhar temáticas geográficas não significaria ser geógrafo. Nas palavras de Aranha (2017, p. 91)) havia um "englobamento da geografia pela história". Esse *status* epistemológico fazia seus ecos na construção da memória capistraniana pelo conferencista. Considerado grande historiador da pátria ainda em vida, o autor cearense fora erigido por Ferreira Reis como seu precursor por ter enfatizado o estudo dos caminhos, dos rios, das regiões e, sobretudo, das possibilidades abertas pela natureza ao avanço humano. Isso explica, em alguma medida, o porquê de Capistrano ter sido apropriado prioritariamente pela História em detrimento de outras áreas de estudo às quais ele se dedicou durante a vida, o que foi notado por Gontijo (2006, p. 107):

> Em vida, Capistrano desenvolveu estudos considerados complementares, como a lingüística e a etnologia indígena, a história e a corografia, cujos limites eram difíceis de estabelecer. Após sua morte, operou-se uma partilha dos campos de conhecimento ainda em formação. Coube à História e não à Antropologia ou à Geografia, incluí-lo como marco referencial na história da disciplina, confirmando a tendência já apontada por seus contemporâneos, que o reconheciam como o "maior historiador do Brasil".

Gontijo esboça a questão do pertencimento da representação póstuma de Capistrano, atestando sua patrimonialização pela História. Mais que isso, percebe como essa patrimonialização ocorre como produto da especialização dos campos científicos. Um dos caminhos dessa especialização foi a construção de memórias disciplinares. O esforço de historiadores com Ferreira Reis para tornar Capistrano patrimônio exclusivo da História tem a pretensão de cavar fronteiras entre o que é a História e o que faz o historiador e o que outros campos e profissionais do saber são e produzem, sobretudo aqueles mais próximos como a Geografia. A negação, pelo conferencista, em afirmar um Capistrano-geógrafo passa fundamentalmente pela necessidade de uso exclusivo de um modelo disciplinar, Capistrano-historiador. Em outras palavras, Capistrano não poderia ser geógrafo porque ele foi um historiador modelar para o conferencista (aqui está o não-dito de sua conferência). A possibilidade de afirmar um Capistrano historiador e geógrafo não é aventada, o que indica a ânsia pela exclusividade. Por sua vez, essa ânsia deve ser entendida no contexto intelectual e institucional que viviam as ciências no Brasil de meados do século XX, cada vez mais num processo de especialização e estabelecimento de fronteiras disciplinares, como notado por Gontijo.

Ademais, a preservação retórica de Capistrano como patrimônio da História servia para a legitimação do tipo particular de produzir, escrever e pensar o conhecimento histórico a que era afeito Ferreira Reis. Uma história geográfica, poderia se dizer. Na mesma geração de historiadores de Ferreira Reis estariam alguns outros autodenominados discípulos de Capistrano como Basílio de

Magalhães, Afonso D'Escragnolle Taunay e Guilherme Studart, em cujos trabalhos vê-se tratamento semelhante da geografia como conteúdo da história. Pode-se asseverar, como conclusão, que a conferência de Ferreira Reis é uma reivindicação da memória sobre Capistrano de Abreu para um grupo de historiadores que se identificavam pela predileção pela geografia.

Referências

ABREU, Capistrano de. **Ensaios e estudos: crítica e história,** 1ª série. 2. ed. Rio de Janeiro, Civilização Brasileira; Brasília, INL, 1975.

ABREU, Capistrano de. **Ensaios e estudos: crítica e história**, 2ª série. 2. ed. Riode Janeiro, Civilização Brasileira; Brasília, INL, 1976.

ABREU, Capistrano de. **Descobrimento do Brasil e seu desenvolvimento no século XVI** (These de concurso). Typ. de G. Leuzinger & Filhos, Rio de Janeiro, 1883.

ABREU, Capistrano de. **Capítulos de história colonial: 1500-1800**. Brasília: Conselho Editorial do Senado Federal, 1998.

ARANHA, Patricia Marinho. **Geografia como profissão: campo, autorepresentação e historiografia (1934-1955)**. 2017. Tese (Doutorado). Universidade Federal do Rio de Janeiro, Instituto de História, Rio de Janeiro, 2017.

BOTTMANN, Denise Guimarães. **Padrões explicativos na historiografia brasileira**. 1985. 133 p. Dissertação (Mestrado). UNICAMP, Instituto de Filosofia e Ciências Humanas, Campinas, 1985.

CURSO Capistrano de Abreu. **Revista trimestral do IHGB**, Rio de Janeiro, v. 221, p. 44-245, out./dez. 1953.

GONTIJO, Rebeca. O velho vaqueano: Capistrano de Abreu, da historiografia ao historiador. 2006. 323 f. Tese (Doutorado). Universidade Federal Fluminense, Departamento de História, Rio de Janeiro, 2006.

NOVAIS, Fernando A. Preface. In: ABREU, Capistrano de. Chapters of Brazil's colonial history, 1500-1800. Oxford University Press, Inc., 1997.

REIS, Arthur Cezar Ferreira. **Território do Amapá: perfil histórico**. Departamento de Impresa Nacional, Rio de Janeiro, 1949.

SOUSA, Ricardo Alexandre Santos de. **Capistrano de Abreu: história pátria, cientificismo e cultura – a construção da história e do historiador**. 2012. 296 f. Tese (Doutorado em História das Ciências e da Saúde) - Fundação Oswaldo Cruz. Casa de Oswaldo Cruz, Rio de Janeiro: s.n., 2012.

VERÍSSIMO, José. "O Sr. Capistrano de Abreu". Jornal do Comércio, 16/09/1907. Reproduzido na Revista da Academia Cearense de Letras, tomo XV, 1910.

WEHLING, Arno. Capistrano de Abreu – a fase cientificista. **R. IHGB**, Rio de Janeiro, v. 311: 43-91, abr./jun. 1976.

Informações Adicionais

Biografia profissional

Matheus Cavalcanti Rodrigues é Mestre em História pela Universidade Federal de São Paulo (Unifesp), sob a orientação do prof. Dr. Fábio Franzini. Atualmente é doutorando em História na mesma instituição, pesquisando nas áreas da história da historiografia, historiografia brasileira, teoria da História, história da geografia, história dos intelectuais e história das traduções.

Financiamento

Esse artigo é derivado de uma dissertação de Mestrado financiada pela Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior (CAPES).

Conflito de interesse

Nenhum conflito de interesse foi declarado.

Aprovação no comitê de ética

Não se aplica.

Contexto de pesquisa

O artigo deriva da tese "Entre a História, a Geografia e seus regimes disciplinares: vida, obra e memória de Capistrano de Abreu", orientada pelo prof. Dr. Fábio Franzini, na Universidade Federal de São Paulo (Unifesp), no âmbito do Programa de Pós-Graduação em História, defendida no ano de 20205- link: https://hdl.handle.net/11600/74551.

Preprint

O artigo não é um preprint.

Disponibilidade de dados de pesquisa e outros materiais

Não se aplica.

Editores responsáveis

Rebeca Gontijo – Editora-chefe
Renata Dal Sasso Freitas – Editora executiva
Iuri Bauler Pereira – Editor convidado

Direitos autorais

Copyright © 2026 Matheus Cavalcanti Rodrigues

Histórico de avaliação

Data de submissão: 16/10/2024
Data de alteração: 24/07/2025
Data de aprovação: 10/08/2025

Licença

Este é um artigo distribuído em Acesso Aberto sob os termos da Creative Commons Atribuição 4.0 Internacional.